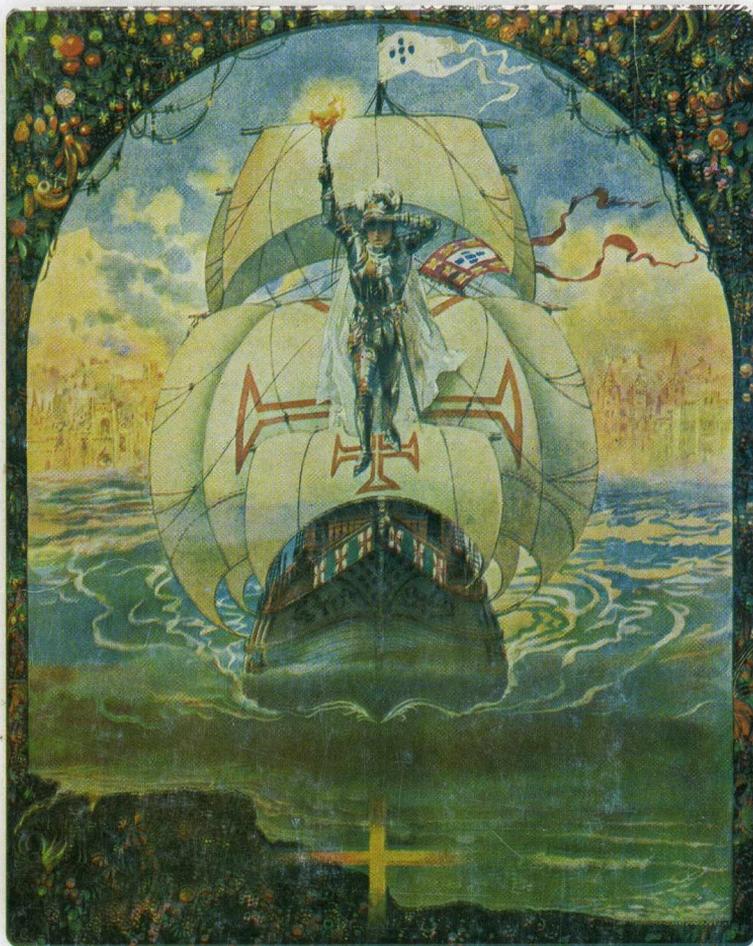


Eúlio

Lenine Pinto

O Mando do Mar - 1

O DESCOBRIMENTO: CASUAL OU INTENCIONAL, E AONDE?



LUMA Gráfica e Editora / Natal, 2005

Labim/UFRN

Lenine Pinto

(Palestra para o Projeto Cultural “Prosas e Pensamentos” Organizado por José Correia Torres Neto e LIVRARIA SPARTA.)

O DESCOBRIMENTO: CASUAL OU INTENCIONAL, E AONDE?

“... só agora a historiografia portuguesa começa a se libertar das grilhetas do romantismo e da fantasia criada por dois ou quatro autores seiscentistas ou oitocentistas.”

Alexandre Monteiro

(Integrante do grupo *LusoNautica* de pesquisa da história marítima, em e-mail do dia 26/10/04)

----- Original Message -----

From: "Alexandre Monteiro"

<subarqaz@hotmail.com>

To: <lusonautica@yahoo.com>

Sent: Tuesday, October 26, 2004 7:36 AM

Subject: Re: [LusoN] Má crítica

Natal, 14 de setembro de 2005

“ACASO OU ERRO. Apesar dos notáveis navegantes embarcados na esquadra de Cabral, houve tempo em que duas correntes históricas discutiam, como assinala José Honório Rodrigues, se o Descobrimento “ocorrera ao longo da costa africana” ou no “rumo a oeste que Pedro Álvares Cabral e Américo Vespúcio encarnavam.” Depois, o debate transferiu-se à indagação das causas do Descobrimento. Almeida Reis observa que “Cabral se desviou escandalosamente da rota que devia seguir para a Índia”, e o poeta Gonçalves Dias atribuiu tão grave deslize à mera casualidade. Edgard Prestage, *Camoens Professor* da Universidade de Londres, refuta a tese do *acidente de percurso*: “alguns escritores modernos sugerem que Cabral foi lançado a oeste por uma tempestade, ou correntezas, enquanto outros inventaram um erro de navegação. Mas, nada existe nas cartas de Caminha ou Mestre João que afiance as duas primeiras hipóteses, enquanto a terceira é menos plausível, desde que Cabral tinha com ele [Bartolomeu] Dias e [Nicolau] Coelho, que já tinham feito, antes, o trajeto à Índia.” Oliveira Martins criou a teoria da bisbilhotice. “[Cabral] não resiste à tentação da curiosidade. Descendo o Atlântico, em direção a Leste, uma pergunta incessante o persegue: que haverá a Oeste?”. Teria vindo conferir; porém Malheiros não se conforma: “É uma hipótese inaceitável. Jamais, no vasto ciclo das navegações se viu um comandante desobedecer as instruções que recebera e correr os mares nas armadas do Estado, à procura de terras ignotas”. O quincentista António Galvão levantou a possibilidade de que o sumiço do navio de Vasco de Ataíde, depois da passagem por São Nicolau do Cabo Verde, tenha arrastado Cabral à matroca: “buscou-o Pedro Álvares, perdendo a rota, razão que o levou a navegar fora dela.” Assis Cintra, referindo-se ao trecho da Carta no qual Caminha apregoa, *e assim seguimos nosso caminho por este mar de longo*, explica que “navegar de longo é uma expressão antiga que significa atravessar (e) dessa forma a esquadra de Cabral saiu de Lisboa para atravessar o Atlântico, não para costear a África ou dela se afastar ligeiramente com receio de calmarias.” Cortesão, seguindo a linha de Malheiros (“não podia ter sido apenas para evitar a repetição do chamado erro náutico de Vasco da Gama que a segunda armada da Índia aproou tanto para ocidente,”) considerando tal desvio “consciente, intencional e excessivo em relação às instruções do Gama”, ou seja, “Pedro Álvares se propunha qualquer objetivo suplementar, que não o da simples derrota para a Índia.” *Ovo de Colombo*: a procura de água.” Ou melhor, a instalação de um posto de *aguada* para a Carreira da Índia, onde já se reabastecera Vasco da Gama.

Lenine Pinto

Reinvenção do Descobrimento, p. 99

I

Existem evidências, discutidas à exaustão por técnicos navais portugueses e brasileiros, de que o Descobrimento do Brasil teria ocorrido de caso pensado, e não por mera casualidade num ponto tão fora da rota das Índias, como imaginava Humboldt, algemado àquelas “grilhetas do romantismo e da fantasia criada por dois ou quatro autores seiscentistas ou oitocentistas,” bem como pensa, ainda hoje, o Professor Joaquim Romero de Magalhães, Presidente da Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses (evento ocorrido em Lisboa entre 1997-2000) e editor de “Os primeiros 14 documentos relativos à Armada de Pedro Álvares Cabral,” que perguntado pela revista **Nossa História**, com base nessa obra, sobre a intencionalidade da chegada da esquadra cabralina ao Brasil, asseverou : “Para mim, o que parece evidente (...) é que o Novo Mundo foi mesmo descoberto por acaso”¹. Cabral, autor da empreitada, recorrendo a uma lenda, disse ter tomado posse “com padrão, da terra de Vossa Alteza que os antigos chamavam de Brandão ou Brasil.”²

Está bem que, devido à rigorosa política de sigilo adotada por Portugal para ludibriar tanto a concorrência estrangeira quanto a ganância de seus próprios naturais à respeito da rota para as Índias, não haja naqueles papéis qualquer referência a uma viagem metódicamente planejada; mas sabemos que a frota cabralina executou a primeira ligação *non stop*, direta, de Lisboa ao Brasil! - o que demonstra o caráter científico da sua preparação. O sucesso, ou o acerto prático dessa nova rota, reduzindo o tempo da travessia, dispensando as problemáticas escalas africanas (por razões sanitárias e pela demora nas tarefas de estiva) ademais de difundir um “estirão” marítimo que ninguém, nem mesmo os portugueses, seriam capazes de enfrentar, elimina toda e qualquer hipótese de descobrimento acidental.

Tal “estirão”, um engodo quanto à distância a ser percorrida no trecho transatlântico fazia parte da faceta de “desinformação” contida na política de sigilo e pode ser constatado nas Instruções dadas a Cabral por D. Manuel, atribuindo-as a Vasco da Gama: “... Depois que em boa hora daqui partirem, farão seu caminho direto à ilha de Santiago, e se ao tempo que aí chegarem tiverem água em abundância *para quatro meses*, não devem pousar na dita ilha nem fazer nenhuma demora...”³

Quatro meses foi quase o tempo de navegação gasto em 1497 pelo próprio Vasco da Gama entre Santiago e a Angra de S^{ta}. Helena, "trinta léguas a ré do Cabo [da Boa Esperança]" pelas leituras de Pero Dalenquer,⁴ veterano da viagem em que Barolomeu Dias descobrira este promontório, dez anos antes. Ora, a esquadra que precedera Cabral "sumiu" por noventa e cinco dias (de 22 de agosto a 27 de outubro) período no qual, observa Geneviève Bouchon, D. Vasco “interrompe a *Relação* da viagem,”⁵ omitindo o registro de suas atividades. Este insólito fato remete à prática generalizada do sigilo, no caso para esconder que andava pela banda ocidental do Mar Oceano, tendo por propósito ocultar a *volta* que se fazia pelo Saliente brasileiro até, aproximadamente, os 10° de Latitude Sul, entre S^{to}. Agostinho/PE e Coruripe/AL, para daí caronear a Corrente de Benguela, adentrando o Índico além do *finisterra* africano, e nisso enganou até mesmo aos cronistas portugueses.

Foram precisos cinco séculos e uma pesquisadora francesa, a Senhora Geneviève Bouchon, para se saber que D. Vasco e sua equipagem não teriam resistido a tão prolongado fastio, pois “mesmo admitindo-se a existência de muitas abóboras, cebolas e favas a bordo, antes da chegada a Santa Helena tais gêneros perderiam seus valores alimentícios, não mais suprindo as carências vitamínicas, e o escorbuto teria se manifestado com

suas conseqüências mortais.”⁶

Ora, D. Vasco chegou à Santa Helena sem que fosse registrado nenhum caso do *mal de Luanda* nem lhe faltassem alimentos, pois seus homens cuidaram apenas das fainas de limpeza, conserto das velas e embarque de lenha, como revela o **Roteiro**: “estivemos oito dias limpando os navios e corrigindo as velas, e tomando lenha”. Repete-o: “tanto que tivemos nossos navios aparelhados e limpos, e lenha tomada, nos partimos desta terra”⁷. O desleixo com água e mantimentos indica que D. Vasco teria aportado no Brasil, aprovisionando-se, depois de “haver vista de terra” como veremos adiante - e sem ter, até então, renovado os alimentos, o que o ameaçava de ultrapassar o prazo de oitenta dias ao término do qual - conforme estabelece a Sra. Bouchon com base em fontes científicas e depoimentos de técnicos em náutica - os danos do escorbuto seriam irremediáveis⁸.

Convém lembrar que, somente após o total de 109 dias gastos entre a ilha de Santiago e a angra de São Braz, adiante do Cabo da Boa Esperança, finalmente a frota vascaína se reabasteceu, além de lenha, com carne e água, levantando ferros a 7 de dezembro. À partir daí começaram os problemas: “Andamos tanto pelo mar, sem tomarmos porto, que já não tínhamos água de beber registra o **Roteiro** - nem fazíamos comida senão com água salgada, e para nosso beber não nos davam senão um quartilho; de maneira que nos era necessário de tomarmos porto.”⁹ Data do assentamento: 10 de janeiro, depois de apenas um mês e três dias de viagem.

Nas singraduras pelo Índico a frota foi contaminada duas vezes. Na ida, ao escalar em um dos braços do Zambeze, onde “morreram muitos dos nossos, de gengivas podres a sair da boca já sem dentes, por via da carne e do peixe de salmoura que apodrecera há muito nas barricas no fundo dos porões” como relata Rui Rasquillo,¹⁰ e ao regressar de Calicute, após setenta

dias da escala em Angediva, onde o escorbuto ainda na discrição de Rasquilho, “levou tantos homens que pouco mais de trinta restavam agora para as três naus. Morriam todos os dias, agarrados aos canhões, no fundo do porão, por entre ratos e comida apodrecida.”¹¹. Dentre as vítimas, o piloto-mor Pero Dalenquer, “sepultado no mar da Índia que, com [Bartolomeu] Dias, tinha visto, pela primeira vez, em 1487.”¹² .

Todavia, há notícia de que, na descida da África pela Corrente Equatorial, em cuja confluência o deixara Bartolomeu Dias depois de pousarem na ilha de Santiago, Vasco da Gama que inicialmente partira “em leste,” para depois aproar na “volta do mar ao sul e a quarta do sudoeste” portanto no rumo de 11° e $1/4$,¹³ em direção à área Cabo S¹⁰. Agostinho/Coruripe, aproximou-se do Saliente, como sugere o diário de bordo - tendo aí a equipagem de seus navios celebrado a vizinhança de terras portuguesas: “aos quatro dias de novembro, sábado (...) às nove horas do dia houvemos vista de terra; então nos juntamos todos e saudamos o capitão-mor com muitas bandeiras, estandartes e bombardas, todos vestidos de festa; e em este mesmo dia viramos bem junto com [a] terra na volta do mar...”¹⁴

Não teriam alcançado *en passant* a mencionada área S¹⁰. Agostinho/Coruripe, porque houve, obviamente, coleta de provisões, nem bordejaram pelo arquipélago de São Pedro e São Paulo (como há quem imagine) porquanto ali não teriam “vista de terra” alusão à trecho continental - mas sim das rochas que originalmente o identificavam: “Rochedos de S. Pedro e S. Paulo,” e a passagem por esses rochedos somente ocorria na “volta do Sargaço,” executada no retorno da Guiné, fazendo-se por ali uma das passagens aos Açores em direção à Lisboa, nunca na ida ao Índico. Tampouco deram de través por Fernando de Noronha, onde aquela Corrente se bifurca na opinião do almirante Max Justo Guedes, embora Malheiros e Goodman

digam que a bifurcação ocorre no Cabo São Roque¹⁵ - já que viraram *bem junto com a terra*, indo na *volta do mar*, decerto pela subcorrente Sul, que o comandante Oliveira Belo denomina de “ramo descendente,”¹⁶ e depois de Cabral passou a chamar-se *volta do Brasil*, descambando em direção aos 10° de Latitude onde João de Barros plotou o desembarque de Cabral “... em altura do polo Antártico da parte do sul dez grãos,”¹⁷ porque era por ali que se fazia a marcação do ingresso na Corrente que os levaria, para além do Cabo da Boa Esperança, a adentrar “no coração do oceano Índico, adiante de Madagascar e das ilhas Mascarenhas,” conforme a Sra. Bouchon.¹⁸

Em apoio à inteligência da rota de Cabral, é “absolutamente correto” como ensina o almirante Roberto Gama e Silva “pensar-se numa *via expressa* entre a Península Ibérica e o litoral nordeste do Brasil, acionada pelos alísios que sempre sopram ao norte da Zona de Convergência Intertropical.”¹⁹

II

A teoria da casualidade do Descobrimento começou a ser desmontada em fins do século XIX, por Oficiais de Marinha dedicados à historiografia naval. O primeiro deles, comandante Baldaque da Silva, engenheiro hidrográfico da Marinha portuguesa, escreveu **O Descobrimento do Brasil por Pedro Álvares Cabral**, publicado em 1892 no volume de *Memórias* da Comissão Portuguesa para a Exposição Colombina, realizada naquele ano em comemoração ao quarto centenário do descobrimento da América.

Trabalho pioneiro de análise técnica sobre o rota do Descobrimento, os argumentos de Baldaque da Silva “constituem, inda hoje, objeção irrefutável (a) um descobrimento imprevisto,” na opinião de Carlos Malheiros Dias.²⁰

A hipótese desse “imprevisto” não ocorreria - tamanha a competência dos nautas portugueses - nem mesmo admitindo-se a contingência da procura pelo barco de Vasco de Ataíde, que desgarrara da *ordenança*, ou *trem* de comboio: “antes que daquy parta fazer muy bõoa *hordenança* - como fora recomendado ao capitão-mor - para se nam perderem huns navios dos outros.”²¹ No entanto, o de Vasco de Ataíde desaparecera misteriosamente, na noite seguinte ao través pela ilha de São Nicolau do Cabo Verde. Na busca por esse navio teria Cabral, igualmente, sido arrastado à matroca, como supunha o quinhentista António Galvão.²²

Outra hipótese admitia a ocorrência de fenômenos físicos, como vendavais, ou, pelo contrário, grande calma que tivesse retido os navios na “zona das calmas equatoriais” (ou *doldrums*) por ser esta “uma região de ventos de superfície bem fracos, onde os veleiros ficavam ao sabor das correntes...”²³

Mas, tais eventos não foram registrados nas cartas de Caminha e Mestre João, nem na Relação do Piloto Anônimo, enquanto os 28 dias navegados desde a passagem por S. Nicolau até ao Brasil, segundo Malheiros, “demonstra as condições favoráveis em que se realizou a viagem.”²⁴

Três anos depois do comandante Baldaque, o almirante J.J. Fonseca publicou no Rio de Janeiro **O Descobrimento do Brazil** (1895) associando-se à tese contestadora, por entender que não havia “exemplo de desvio, sotaventação ou arribada que desorientasse navio, produzindo um grande erro de longitude no sentido espacial de oriente para ocidente,” isto é, da África para o Brasil: “De centenas a que podiam subir diz ele - não ficou testemunho de arribada e desorientação por causa de temporal, calma, correntezas; antes é sabido que todas (as naus) iam, chegavam e retornavam ao ponto de partida, em suma,

realizavam o seu destino. Portanto conclui - parece inadmissível que, dentre uma quantidade orçável em três ou quatro mil navegações, saltasse para fora da regra um só caso para exceção singular.”²⁵ Referia-se, evidentemente, à viagem de Cabral.

Junta-se a esses historiadores navais o Capitão-de-Fragata Luiz Alves de Oliveira Belo, que ao deixar o serviço ativo na nossa Marinha de Guerra passou a comandar navios do Lloyd Brasileiro: o vapor *Baependy*, na linha de Baltimore e, depois, o *Cuyabá* na linha de Hamburgo, revelando ele para a platéia da Sociedade Brasileira de Geografia, em 1939, suspeitas quanto à tração das correntezas e ao ponto do desembarque de Cabral: “... todas as vezes que do Norte para o Sul atravessava o Equador, perguntava a mim mesmo se Cabral havia sido arrastado por correntes que, devendo hoje ser as mesmas que no ano de 1500, não levam navio algum que navegue ao sudoeste ou ao sussudoeste firmes, às costas baianas, onde ele aportou.”²⁶

Luís da Câmara Cascudo também duvida da direção e distância para onde a correnteza levaria a frota a ensacar-se: “... Essa corrente conduziria a esquadra portuguesa a Porto Seguro, por 17° da equinocial? Ou a 5°, para o cabo de São Roque, no Rio Grande do Norte?”²⁷

Em conferência posterior (1943) no Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro, o comandante Oliveira Belo reclamou da historiografia baseada “em apressadas narrativas, inverossímeis traduções, imaginadas versões, insinuações fantasiosas, hipóteses inaceitáveis e, às vezes mesmo, em parcimoniosos documentos, tudo superficialmente relanceado,” para culpar a falta da “leitura de autênticos e explícitos documentos” por parte dos cronistas do século XVI, “que primeiro escreveram sobre o Descobrimento do Brasil,” incriminando-os por “se louvaram nas imprecisas informações

dos mareantes da frota de Cabral e dos tripulantes do navio de Gaspar de Lemos, bem como em algumas tradições dos primeiros colonos que retornaram ao Reino.” Aqui, está implícita referência a autores reinóis (naturais de Portugal radicados no Brasil) como Pero de Magalhães Gandavo, autor da nossa primeira história (**História da Província de Santa Cruz a que vulgarmente chamam de Brasil**, escrita em 1576) e Gabriel Soares de Souza, autor do **Tratado descritivo do Brasil**, ou simplesmente **Notícia do Brasil**, de 1587. Finaliza Oliveira Belo: “... não é fora de propósito atribuir a eles a enganosa versão de que a frota de Cabral descobriu o Brasil por *obra do acaso* e não pelo esforço, audácia, experiência e prática de seus capitães e pilotos,”²⁸ corroborando assim a opinião já mencionada de Alexandre Monteiro.

* * *

De maneira clara e insofismável os mencionados historiadores navais rejeitam a teoria do Descobrimento ao léu da sorte, como se uma frota de treze navios pudesse flutuar *ao Deus dará*, embora que “tripulados pelos mais experimentados marinheiros e pilotos da época”, dentre eles nomes famosos como Bartolomeu Dias, Pero Escobar (capitão e piloto da *Bérrio* na 1ª viagem de Vasco da Gama à Índia) e Nicolau Coelho, ademais de *outra pessoa* - segundo Henrique Lopes de Mendonça - *para a qual não existiam segredos*: Duarte Pacheco Pereira, integrante da “plêiade de audaciosos exploradores que tinham em tempo de D. João II estendido pelas costas incógnitas de África o prestígio do nome português e contribuído em larga escala para o adiantamento das ciências geográficas.”²⁹

“A experiência, que é madre das cousas nos desengana e de toda dúvida nos tira,” afirma o próprio Duarte Pacheco Pereira no *Esmeraldo de Situ Orbis*,³⁰ a propósito de sua viagem ao Brasil

dois anos antes de Cabral. Pois justamente a experiência acumulada em freqüentes viagens de exploração do Atlântico, é que nos dá a certeza de que Cabral tinha por objetivo alcançar o Saliente Nordestino, aqui estabelecendo para a *Carreira da Índia*, em caráter permanente, oportuna estação de trânsito, a que chamavam de “aguada.” No mesmo sentido o Almirante Roberto Gama e Silva: “a frota estava programada para se reabastecer antes de atingir a África,” quer dizer, a África continental, pouco aquém ou além do Cabo da Boa Esperança devendo, portanto, se aprovisionar “no litoral brasileiro, como já vinham fazendo os navegadores que se adestravam para executar manobra idêntica à de Cabral.”³¹ Entre eles, decerto, Vasco da Gama.

Ademais, deve-se ter em conta, como salienta Freitas Mourão, que “Portugal centralizou os conhecimentos geográficos do mundo europeu, graças aos aperfeiçoamentos na construção das embarcações, instrumentos, cartas náuticas, e dos métodos de navegação.”³² Cabral não poderia depender da sorte, muito menos errar.

Por outro lado, e embora não concordem alguns historiadores do outro lado do oceano, muitos mareantes haviam lançado âncoras por aqui, antes, durante ou logo depois da fase do Descobrimento, como Giovanni di Empoli, “que do Cabo Verde tomou logo o bordo do mar, indo à costa do Brasil, ” conforme Gago Coutinho;³³ repetidas vezes Américo Vespúcio; talvez o francês Jean Cousin, os espanhóis Alonso de Hojeda e Juan de la Cosa, provavelmente Cristóvão Colombo, que teria vindo com Duarte Pacheco, de acordo com Greenlee, numa expedição conjunta para localizar o meridiano de Tordesilhas, prevista no próprio Tratado: “as partes contratantes obrigam-se a enviar dentro do prazo de três meses a contar do dia da ratificação, duas ou mais caravelas, conforme convier, para conduzir à Grande Canária uma missão composta de pilotos e astrônomos a fim de ser determinada a

linha demarcatória. Daí estas duas comissões, portuguesa e espanhola, dirigir-se-ão às ilhas do Cabo Verde, para de lá navegarem 370 léguas para oeste, fixando a distância percorrida.”³⁴

De certeza, aqui estiveram Peralonso Niño, Vicente Yáñez Pinzón e Diego de Lepe, ademais dos portugueses Pero Vaz da Cunha, apelidado de *Bisagudo* (o de *viso agudo*, ou rosto afilado) ao fugir do Senegal em 1487, após assassinar o príncipe de Jalofó; com freqüência Bartolomeu Dias, inclusive ao voltar da Mina, depois de despedir-se de Vasco da Gama à entrada do Golfo da Guiné, em 1497. Ricardo Levene e Pedro Calmon mencionam possíveis viagens clandestinas de João Coelho em 1493 e 1494,³⁵ enquanto Duda Guenes registra três vindas de Duarte Pacheco Pereira: em 1493, 1498 e 1500, nesta última ao comando de “uma das naus da frota cabralina.”³⁶

Relatando a viagem de 1498 no *Esmeraldo de Situ Orbis*, Duarte Pacheco conta que, na banda ocidental do Mundo, que D. Manuel o mandara procurar “passando além da grandeza do Mar Oceano,” encontrara uma grande terra firme (e não uma ilha) achando nela “muito e fino brasil, com outras muitas coisas de que os navios deste Reino vem grandemente carregados.”³⁷

Não há surpresa no fato de Duarte Pacheco ter visto muito pau-brasil de boa qualidade (*fino*) porquanto numa Carta Régia de D. Afonso V, datada de Alenquer em 19 de outubro de 1470 - trinta anos antes de Cabral! - El-Rey já proibía “... a todas as pessoas particulares que tivessem privilégio de comerciar nas terras da Guiné,” de negociar “gatos de algalia [peças de metal], malagueta, unicórnio [chifre de rinoceronte indiano] e qualquer especiaria, bem assim pedras preciosas, tintas de Brasil ou laca,” gêneros que reservava ao monopólio da Coroa.³⁸

Num artigo para a Revista do Instituto Histórico e Geográfico

Brasileiro, Vieira Ferreira admite que naquela data “já se tinha notícia, em Portugal, de uma costa marítima fronteira à da África, e da existência nela de tintas de Brasil ou laca... pois sem terem aqui vindo, não era possível numa lei para a Guiné, falar-se em tintas de Brasil ou laca, inexistentes na África.”³⁹

Do ponto do Descobrimento, registre-se o fato de que a área de vegetação do pau-brasil estendia-se, conforme Bernardino José de Souza, do Rio de Janeiro ao Rio Grande do Norte, sendo as matas da Paraíba “até o cabo São Roque tão ricas quanto às de Pernambuco,” enquanto “no distrito desta Capitania (da Bahia) não se tem achado pau-brasil de nenhuma sorte,” segundo o *Livro que dá Razão ao Estado do Brasil*, embora possuísse “boas madeiras e de tantas sortes, e em tanta quantidade, que é grande o preço que todos os anos se tiram delas...” (de acordo com Accioly, *Memórias Históricas e Políticas da Bahia*, vol. I, p. 438)⁴⁰

Todavia, de fundamental importância é o fato do capitão João da Nova ter zarpado de Lisboa em março de 1501 (cfme. Gaspar Correia, João de Barros e Damião de Góis) com a missão que lhe confiara D. Manuel de procurar Cabral, pois “*não tendo notícia daquela primeira armada mandei às sobreditas partes outras quatro naus bem equipadas...*”, como revela El-Rey na carta em que comunica o Descobrimento a seus sogros, os Reis Católicos da Espanha.⁴¹

Aqui é de observar-se que João da Nova não foi a Porto Seguro Bahia posto ter ficado entre 5° [Calcanhar/S. Roque] e 8°, nas proximidades do Cabo de Santo Agostinho, como informa Duarte Leite, inspirado em Gaspar Correia: “... *porque a costa do Brasil que era já toda descoberta por muitos navios que iam lá tratar* (isto no ano seguinte ao Descobriemento!) foram de longo até o Cabo de S^{to}. Agostinho, daí atravessando para o Cabo da Boa Esperança,”) o que levou aquele professor a estatuir: “É certo que

em vez de arribar a Porto Seguro, por 17° de latitude, ficou entre 5° e 8°, nas proximidades do cabo de S^{to}. Agostinho.”⁴² O almirante Costa Brochado é mais incisivo: “... foram (os navios de João da Nova) demandar, diretamente, o Cabo S. Roque (!)”⁴³ - até por uma razão muito simples: João da Nova “alcançou o arquipélago do Cabo Verde nas proximidades de 20 de março e Vera Cruz não longe de 20 de abril, dando cerca de um mês para a travessia do Atlântico, como aconteceu a Cabral,” assevera Jaime Cortesão.⁴⁴

Para concluir: como é que poderia, cumprindo a mesma rota, na mesma época do ano, sob influência da mesma corrente marítima, do mesmo sopro dos ventos e no mesmo espaço de tempo, Cabral ter ido bater cerca de mil milhas adiante, no sul da Bahia, enquanto João da Nova, que o viera procurar, ficou na área do Saliente?

* * *

NOTAS:

¹Joaquim Romero de Magalhães. entrevista *Em História não existe “se”*, concedida à revista *Nossa História*, nº 8, junho de 2004, p. 54; ²Carta de Cabral a D. Manuel, *apud* Assis Cintra, *Nossa Primeira História (Gandavo)* p. 12; ³Aditivo ao *Regimento da Viagem de Cabral*, in Fontoura da Costa, *Os Sete Únicos Documentos de 1500, conservados em Lisboa, referentes à viagem de Pedro Álvares Cabral*, p. 17; ⁴Neves Águas, *Roteiro da Primeira Viagem de Vasco da Gama*, p. 24, e Gago Coutinho, *O Roteiro da Viagem de Vasco da Gama nos Lustedas*, p. 45; ⁵Geneviève Buchon, *Vasco de Gama*, p. 112; ⁶Geneviève Bouchon, *Ibid.*, p. 114; ⁷Neves Águas, *O Roteiro etc.*, pp. 21 e 24; ⁸Bouchon, *Ibid., ibid.*; ⁹Neves Águas, *Ibid.*, p. 31; ¹⁰Rui Rasquilho e Jorge Barros, *Portugal e o Mar*, p. 16; ¹¹Rasquilho, *Ibid.*, p. 19; ¹²Brochado, *Descobrimento do Atlântico*, p. 88; ¹³Neves Águas, *Ibid.*, p. 20 e Richard Barker, do *LusoNautica*, em e-mail ao Autor: “*According to Leitao and Lopes quarto/quarta was frequently used in old logs for one point = 11-1/4 degrees*”; ¹⁴Neves Águas, *Ibid., ibid.*; ¹⁵Alm. Max Justo Guedes, *O Descobrimento do Brasil*, p. 96, Malheiros, *Introdução à Hist. da Col. Port. do Brasil*, vol. I, p. XIII, nota nº 14, e Goodman, *The Explorers of South América*, p. 9; ¹⁶Cmte. Oliveira Belo, *Algumas Verdades acerca do Descobrimento do Brasil*, p. 9; ¹⁷João de Barros, *Décadas da Ásia*, Livro V, capítulo II, pp. 87 e 88, *apud* Jayme de Altavila, *História da Civilização das Alagoas*, p. 10; ¹⁸Geneviève Bouchon, *Ibid.*, p. 85; ¹⁹Almirante Roberto Gama e Silva, *O*

Descobrimento do Brasil, em *Revista Marítima Brasileira*, v. 120, n.º 7/9, jul/set. 2000, p. 28; ²⁰Carlos Malheiros Dias, *Introdução etc.*, p. XII; ²¹*Ordenança*: termo usado no Aditivo ao *Regimento da Viagem de Cabral*, in Fontoura da Costa, **Os Sete Únicos Documentos etc.**, p. 17; ²²Antônio Galvão, **Tratado dos Descobrimentos Antigos e Modernos**, 4ª edição, p. 210; ²³Almirante Roberto Gama e Silva, *Ibid.*, pp. 16-18; ²⁴Malheiros, *Ibid.*, *ibid*; ²⁵Alm. J. J. Fonseca, *apud* Carlos Malheiros Dias, *Ibid.*, p. XII e nota n.º 12; ²⁶Cmte. Oliveira Belo, **A Descoberta etc.**, p. IV; ²⁷Luís da Câmara Cascudo, **Informação de História e Etnografia**, p. 15; ²⁸Cmte. Oliveira Belo, **Algumas verdades etc.** pp. 3-4; ²⁹Henrique Lopes de Mendonça, **Do Restelo a Vera Cruz**, Hist. da Colon. Port. do Brasil, vol II, p. 55; ³⁰Duarte Pacheco Pereira, **Esmeraldo de Situ Orbis**, ed. da Sociedade de Geografia de Lisboa, 1905, p. 16, in. Luciano Pereira da Silva, **Duarte Pacheco Pereira, Precursos de Cabral**, Hist. da Colon. Port. do Brasil, vol. 1, p. 241, nota n.º 52; ³¹Alm. Roberto Gama e Silva, *Ibid.*, pp. 13; ³²Ronaldo Rogério de Freitas Mourão, **Dicionário das Descobertas**, p. 9; ³³Gago Coutinho, **O Roteiro etc.**, p.17; ³⁴William B. Greenlee, **A Viagem de Pedro Álvares Cabral ao Brasil e à Índia, pelos Documentos e Relações Coevas**, p. 64; ³⁵Ricardo Levene e Pedro Calmon, **História das Américas**, vol. III, p. 92; ³⁶Duda Guenes in *Jornal do Comércio do Recife*, 12 de março de 1996; ³⁷Assis Cintra, **Nossa Primeira História**, p. 10; ³⁸Bernardino José de Souza, **O Pau-Brasil na História Nacional**, pp. 84-85. **A Carta de D. Afonso V** encontra-se nos documentos da Torre do Tombo, publicados por ocasião das Comemorações do Quadricentenário do Descobrimento da América; ³⁹Vieira Ferreira, **Padrões de Pedra**, Revista do Inst. Hist. e e Geog. do Brasil, n.º 242 (jan/mar de 1959) pp. 305-309; ⁴⁰Bernardino J. de Souza, *Ibid.*, pp. 86, 90 e 91; ⁴¹**Carta de D. Manuel** aos Reis Católicos, datada de 28 de agosto de 1501, *apud* Therezinha de Castro, **História Documental do Brasil**, p. 27, e Duarte Leite, **O Mais Antigo Mapa do Brasil**, Hist. da Col. Port. do Brasil, vol. II p. 251. Da referida carta “só se conhece a versão italiana publicada pelo impressor Besicken (Roma, 1505) opúsculo raríssimo, reeditado por Burnell (Londres, 1881) com notas, de Peragallo (Lisboa, 1892) com retroversão para português e notas”, cfme. Damião Peres, **História dos Descobrimentos Portugueses**. 4ª. edição, p. 376, nota n.º 1; ⁴²Gaspar Correia, **Lendas da Índia**, vol. 1, p. 235, *apud* Duarte Leite, **O Mais Antigo Mapa etc.**, p. 252; ⁴³Alm. Costa Brochado, **Descobrimento etc.**, p. 77 ; ⁴⁴ Cortesão, **História do Brasil nos Velhos Mapas**, p. 211;

* * *

BIBLIOGRAFIA

ÁGUAS, Neves - **Roteiro da Primeira Viagem de Vasco da Gama**, Pub. Europa-América, s/d.

BELO, Cmte. Luiz Alves de Oliveira - **A Descoberta do Brasil por Cabral não foi obra do acaso**, I. Naval, 1939.

_____- **Algumas verdades acerca do Descobrimento do Brasil**, Imp.Naval, Rio, 1944.

BUCHON, Geneviève - **Vasco de Gama**, Fayard, Paris, 1997.

CASCUDO, Luís da Câmara - **Informação de História e Etnografia**, Tradição Editora, Recife, 1944.

- CASTRO, Therezinha de - **História Documental do Brasil**, Dist. Record, Rio, 1968.
- CINTRA, Assis - **Nossa Primeira História (Gandavo)**, Companhia Melhoramentos de São Paulo, 1921.
- COSTA, A. Fontoura da - **Os Sete Únicos Documentos de 1500**, Agência Geral das Colônias, Lisboa, 1940.
- COUTINHO, Alm. Gago - **O Roteiro da Viagem de Vasco da Gama nos Lusíadas**, Portugália Editora, Lisboa, 1930.
- DIAS, Carlos Malheiros - **Introdução à História da Colonização Portuguesa do Brasil**, vol. I, Lit. Nacional, Porto, 1921.
- FERREIRA, Vieira - **Padrões de Pedra**, Revista do Inst. Hist. e Geog. do Brasil, nº 242, pp. 305-309 (jan/mar de 1959).
- FONSECA, Alm. J. J. - **O Descobrimento do Brasil**, Rio de Janeiro, 1895, in Carlos Malheiros Dias, *Ibid.. ibid.*
- GALVÃO, António - **Tratado dos Descobrimentos Antigos e Modernos**, 4ª edição, Livraria Civilização Editora, Porto, 1987.
- GOODMAN, Edward J. **The Explorers of South America**, University of Oklahoma Press, 1992.
- GREENLEE, William Brooks - **A Viagem de Pedro Álvares Cabral ao Brasil**, Liv. Civilização Editora, Porto, s/d.
- GUEDES, Alm. Max Justo **O Descobrimento do Brasil**, Vega Edições, Lisboa, 1989.
- GUENES, Duda in *Jornal do Comércio do Recife*, 12 de março de 1996.
- LEITE, Duarte - **O Mais Antigo Mapa do Brasil**, Hist. da Col. Port. do Brasil, Vol II, Lit. Nac., Porto, 1921.
- LEVENE, Ricerto e CALMON, Pedro - **História das Américas**, vol. III, W.M. Jackson Inc., Rio, 1945.
- MAGALHÃES, Joaquim Romero de - **Revista Nossa História**, Biblioteca Nacional, nº 8, junho de 2004.
- MENDONÇA, Henrique Lopes de - **Do Restelo a Vera Cruz**, Hist. da Col. Port. do Brasil, Vol II, Lit. Nac., Porto, 1921
- MORENO, Diogo de Campos **Livro que dá razão do Estado do Brasil**, MEC/INL, Rio, 1968.
- MOURÃO, Ronaldo Rogério de Freitas Mourão, **Dicionário das Descobertas**, Ed. Pergaminho, Lisboa, 2001.
- PEREIRA, Duarte Pacheco - **Esmeraldo de Situ Orbis**, ed. da Sociedade de Geografia de Lisboa, 1905.
- PERES, Damião - **História dos Descobrimentos Portugueses**, Ed. do Autor, 2ª. edição, Coimbra, 1960.
- RASQUILHO, Rui e BARROS, Jorge **Portugal e o Mar**, Circulo de Leitores, Lisboa, 1983.
- SILVA, Alm. Roberto Gama e - **O Descobrimento do Brasil**, *Revista Marítima Brasileira*, v. 120, nº 7/9, jul/set. 2000.
- SOUZA, Bernardino J. de Souza **O PauBrasil na História Nacional**, Cia. Editora Nacional, S. Paulo, 1939.



LENINE PINTO autografa, em Lisboa, “**A Integração do Rio Grande do Norte e do Amazonas à Província do Brasil,**” ao lado do co-autor, coronel e historiador José Gerardo Barbosa Pereira, que acaba de lançar, pela Biblioteca do Exército Editora (BIBLIEX) “**A RESTAURAÇÃO DE PORTUGAL E DO BRASIL.**”

O Descobrimento: Casual ou Intencional e Aonde? integra a trilogia **O MANDO DO MAR**, programada pelo Autor, que vem se batendo pelo reconhecimento do litoral norte-rio-grandense como ponto do desembarque da frota cabralina, a que se seguirão os títulos: *Cabo de São Jorge: a “data náutica” do Descobrimento e o verdadeiro padroeiro do Brasil*, e ainda *O padrão do Descobrimento e a prova dos limites percorridos por Cabral*, a começar pelo RN.



E-mail: lumagrafica@uol.com.br
Tels.: (84) 3211.1140 / 3211.8371